

Apresentação Barcelona 2023

Grupo de Convergência

Interrogando ao amor

O laço Interrogado, Interrogando ao amor,

Nos interrogar é a possibilidade de uma pergunta que é dirigida a um Outro, e é por esta possibilidade da interrogação que se abre o caminho para o campo das neuroses, ou seja, a neurose é a possibilidade de organizar ou colocar uma pergunta.

Freud se questiona sobre o discurso na histeria e lá se organiza uma pergunta que orienta à clínica: para onde se dirige o desejo de Dora ou de Ana O?

O que uma mulher quer? Também se questiona por aquilo que comove na cultura.

Lacan também o fez com Antígona, com o caso Aimee, com Joyce.

A possibilidade de interrogar nos abre um caminho de acesso à clínica, à cultura, e também à alteridade e diferença.

Ou seja, a interrogação como função, cria um espaço que antes não existia.

No Seminário Mais Ainda, Lacan distingue o gozo do amor e nos adverte para não ficarmos presos no amor desde o Ser, como um perigo de qualquer significante que possa se eternizar, ou seja, se tornar um signo, nenhum significante se produz como eterno, afirma¹. O gozo do Outro não é sinal de amor, mas o significado sempre encontra seu centro e é o discurso analítico que pode subverter algo e produzir descontinuidade.

Ao Outro, é preciso esmagá-lo e recriá-lo para que ele tome sua ressonância.

Encontramos no texto em homenagem a Marguerite Duras, "O Arrebatamento de Lol V.

Stein", uma pergunta sobre a cena do baile: Quem é o arrebatado ou raptado pelo amor?

Quem é despojado de amor como se fosse uma peça de roupa que nos veste? O que resta do sujeito, depois de ser arrebatado?

¹ Seminário Mais Ainda, cap. 4 O amor e o significante

Lacan nos lembra que "Um psicanalista deve lembrar com Freud que o artista sempre está na frente e diz: 'Reconheço isso no arrebatamento de Lol V Stein, onde Marguerite Duras demonstra saber sem mim o que eu ensino, que a prática da letra converge com o uso do inconsciente, é a única coisa da qual quero dar testemunho ao prestar essa homenagem". Ambas as cenas, a de Dora e a de Lol, nos apontam a dupla via pela qual se está tomado no amor, como sujeito vestido ao mesmo tempo que como objeto nu, o amor então como uma passagem por essa vacuidade.

Este grupo surgiu de uma troca de ideias e conceitos, e de poder nos interrogar a cada vez sobre o trabalho realizado, assim, pudemos formalizar o trabalho sob este título.

De alguma forma, interrogamos o amor em suas diferentes vertentes, tomando dois pontos que me interessaram no percurso que estamos fazendo:

- O amor como aquilo que se dirige a um Outro estando comandado por outra coisa, e
- O amor como aquilo mais radical que é levado às últimas consequências no dispositivo analítico.

Com relação ao primeiro ponto, encontramos o "Há Um"², aquilo que permanece ao longo dos séculos, o amor.

Nas análises, encontramos o amor como demanda, com essa demanda que se explicita e se desdobra de várias maneiras, via de acesso para, por sua vez, instaurar a transferência e poder sustentá-la sob a fórmula de Sujeito suposto de Saber.

É a aquele a quem suponho saber, que o amo, o amo porque esse sabe algo de mim, também nos orienta em relação a outras formas, como des-supor esse saber pode ser ódio ou desconfiança.

Formas de nomear o Eros e o Tanatos freudianos.

Outra das formas de nomear o amor também tem sido Deus, para a religião e para a filosofia, mas desde o momento em que se nomeia a partir da Psicanálise ao Inconsciente,

² Jacques Lacan, Seminário Mais Ainda, o amor e o significante

ao Outro como lugar da palavra, observamos que ocorre um deslocamento que Jean Luc Nancy³ destaca de uma boa forma, essa descentralização, onde ele observa que aquilo que comanda é outra coisa, e diz-lhe desse jeito:

"Lacan soube encontrar as linhas para seu discurso, onde já Freud comunica como necessário um certo saber sobre outras ciências e Lacan soube encontrar as linhas para seu discurso ao se referir a outras ciências que não sejam as do espírito, romântico alemão, um saber sobre a linguística, as matemáticas, a topologia, a lógica, ciências que interagem com a psicanálise onde, por exemplo, se tratasse de ler entre a audição do discurso e a leitura do texto, buscar nessa separação, nessa interrogação, nessa entrelinha, nessa semi-ausência, onde algo fica suspenso que anula o valor de qualquer ideal, isso que interrogamos do modo mais duro, dará lugar a uma decifração que é um jogo com a metáfora, que dará lugar a outro texto, que se arrisca, além ou apesar do anterior.

Lacan aponta para o centro que descentra o sentido.

Assim também, o amor é tomado como metáfora a ser interrogada, e em suas figuras ou versões faz referência ao gozo, ao desejo, ao Das Ding, como aquilo não assimilável ou nomeável, onde não se refere a nenhum sentimento, mas sim a esse lugar onde estamos tomados como objeto em um discurso, esse exterior íntimo, do qual, por ser tão extimo e íntimo, não conseguimos captar.

Portanto, quando dizemos que o amor é aquele saber que o Outro pode ter de nós, não nos referimos à imagem que nos devolve, nem ao campo do afeto ou ao engano dos sentimentos, senão que aquilo que comanda é muito mais confuso, está além do princípio do prazer, podendo tomar diferentes formas, ou seja, a relação que o sujeito tomado no discurso mantém com o objeto⁴, com a linguagem e com o desamparo absoluto.

³ O título da letra, de Jean Luc Nancy

⁴ Jacques Lacan, o Averso do Psicanálise, Paidós, cap. os sulcos da aletosfera

Se aproximar ao campo do objeto é saber daquilo que é próprio e alheio que, na vida pode preferir, a vida e às vezes também a morte, metáfora topológica do mais interno e externo ao mesmo tempo.

Tanto Freud quanto Lacan afirmam que isso é o que encontramos na uma análise como experiência, aquilo que habita no próximo e em mim, aquele núcleo que é o meu gozo, onde o sujeito é tomado como objeto.

Às vezes, o amor nos veste, mas também nos desnuda ou despoja, podemos ser arrebatados como na cena do baile com uma perplexidade que não alcança a tomar a forma imaginária de uma roupa ou peça. Ou seja, o gozo do meu próximo, seu gozo nocivo, é o que se propõe como problema para o meu amor, dirá Lacan no Seminário da Ética.

A análise é aquela experiência que coloca essa questão em sua máxima tensão e diferença, serve-se de um amor suposto, para poder transformá-lo em uma nova experiência em relação ao amor e pode entrar nesse novo espaço que a interrogação criou.

Este amor que vai além do narcisismo, da identificação com o ideal, também assumirá a forma metafórica, questão que pudemos constatar em alguns textos e obras literárias, bem como no cinema.

A forma metafórica do amor que desliza permanentemente para outro lugar.

Quando esse deslizamento não é possível, encontramos a rejeição, *Verwerfung*, rejeição de todos os campos do simbólico, rejeição da castração⁵....

É então possível um amor sem a castração como função? O amor transferencial levado às últimas consequências possibilita como efeito que o real, o simbólico e o imaginário sejam ligados em um amor que diz, ainda que seja inominável, que nomeie, no sentido que causa e que faz um buraco.

Paula Levisman (Escola Freud-Lacan de La Plata). Argentina

Tradução Espanhol – Português: José Ariel Bublik

⁵ Jacques Lacan, *Falo às Paredes*, Paidós, Barcelona, 2012, pag. 102